

Em busca de competitividade

por Maria José Quadros
de Salvador

Em palestra proferida na quarta-feira no XI Congresso Brasileiro dos Economistas, o professor Sérgio Queiroz, da Universidade de Campinas (Unicamp), advertiu que o Brasil só poderá se inserir com sucesso num cenário de economia globalizada se investir eficientemente na capacitação dos recursos humanos e no desenvolvimento científico e tecnológico.

Este é o requisito básico para que o País se torne competitivo de acordo com a moderna acepção do termo, disse o professor, ao participar de um debate sobre o tema Ciência e Tecnologia. Ele afirmou que o sentido atual da competitividade nada tem a ver com baixos salários ou com a desvalorização da taxa de câmbio, mas com o crescimento da renda média e a eqüidade.

Queiroz, que integra os quadros do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Unicamp, mencionou uma série de fatores de transformação institucional que o Brasil precisa observar para participar de maneira

ra não subordinada da nova ordem internacional. Em primeiro plano, disse ele, aparece o sistema educacional, que no nosso caso exibe uma das piores taxas de analfabetismo, de formação primária, secundária e universitária da América Latina.

Comparando a situação brasileira com a dos quatro Tigres Asiáticos – Coréia, Taiwan, Cingapura e Hong Kong –, que foram bem-sucedidos na adoção de novas estratégias de desenvolvimento, Queiroz afirmou que, de saída, fica patente a posição de desvantagem do Brasil na formação de engenheiros, principalmente de engenheiros eletrônicos.

Serviços técnicos

Enquanto no Brasil a porcentagem de profissionais em engenharia, ciências e matemática no total da população é de 0,24%, na Coréia do Sul fica em 0,76%, em Cingapura em 0,73% e em Taiwan em 0,78%, todos superiores até ao Japão, que conta com 0,40%.

Outro ponto é o desenvolvimento de atividades técnicas e profissionais na indústria, por

sinal um fator da maior importância na adaptação de tecnologias externas. "Não por acaso os Tigres Asiáticos realizam mais da metade da pesquisa e desenvolvimento nos laboratórios industriais, enquanto nos países da América Latina, incluindo o Brasil, essa proporção muitas vezes não chega a 20%", disse.

A ampliação de infra-estrutura pública e privada de suporte ao desenvolvimento científico e tecnológico é outro ponto de grande destaque, ressaltou Queiroz. Isso quer dizer que são necessários serviços técnicos e científicos com funções reguladoras, como o Inmetro e o INPI.

A integração entre pesquisa e desenvolvimento, projeto, produção e marketing é mais um traço do sucesso dos Tigres, que também privilegiam o investimento na introdução de novos equipamentos físicos, da qual o aprendizado não pode ser dissociado.

"Enquanto os asiáticos apresentam taxas de investimento superiores a 28% do PIB, o Brasil prevê para este ano uma taxa em torno de 18%, o que já representa uma recuperação em relação aos níveis registrados antes do

Plano Real, inferiores a 16%", comentou Sérgio Queiroz.

Por fim, ele diz que é preciso atentar para a composição do investimento, que entre os asiáticos se concentra em setores como telecomunicações e informática. Já o Brasil tem passado nessa área de modelos restritivos – o caso da política de reserva de mercado na informática – para a liberalização pura e simples.

Ordem internacional

Para Sérgio Queiroz, o que está por trás do sucesso dos Tigres Asiáticos é, em resumo, a capacidade de promover mudanças sociais e institucionais através de políticas voltadas para esse objetivo, uma estratégia seguida antes pelo Japão.

"Um dos maiores desafios colocados para o Brasil pela nova ordem internacional é o de realizar essas transformações", disse ele, reconhecendo que a tarefa é difícil. Enfatizou, porém, que, seja como for, os efeitos negativos ou positivos da globalização dependerão do grau de sucesso dos esforços realizados pelo País nesse sentido. ■